

CARIRI QUEER: UM ESBOÇO DA PERFORMATIVIDADE TRAVESTI NAS TERRAS DE PADRE CÍCERO.

Alexandre Nunes de Sousa¹

Maria Alves²

Resumo: Este artigo aborda, através da observação participante e da análise de entrevistas, como as travestis do município de Juazeiro do Norte- CE vivenciam suas conflituosas *performatividades* de gênero em especial no que diz respeito ao fenômeno religioso, típico daquela região do nordeste, em relação à transfobia e ao recente processo de elevação da mesma região ao estatuto de metrópole.

Palavras-chave: *performatividade* de gênero, travestis, religiosidade, políticas *queer*.

*“No Ceará não tem disso não”
Luiz Gonzaga*

*“Eat rapadura
Fuck rapariga
Go straight to the floor
Dance like a whore
Just whore on the floor”
Montage: Floor, floor, floor*

INTRODUÇÃO

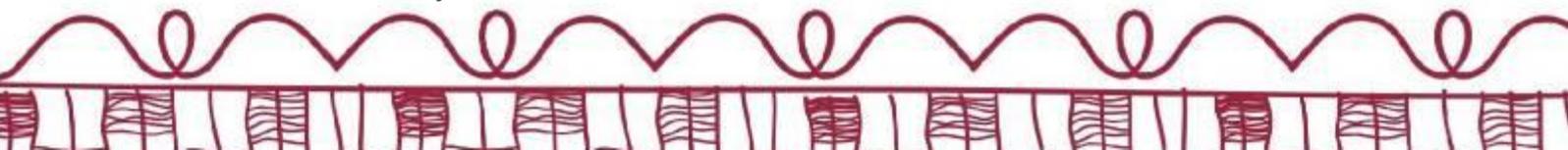
Localizado na região metropolitana do Cariri, o município de Juazeiro do Norte no Ceará é considerado um importante pólo comercial e religioso do nordeste brasileiro. Com um quadro de romarias ao Padre Cícero, a citada metrópole atrai cerca de 500 mil pessoas por ano para os diversos eventos religiosos distribuídos ao longo do calendário. Os chamados romeiros costumam ser oriundos dos estados circunvizinhos que fazem fronteira, ou não, com o sul do Ceará. As romarias em homenagem ao Padre Cícero trazem consigo muitas esperanças de cura das mais diversas patologias, apresentando corpos sofridos e rostos enrugados que transitam espoliados e maltrapilhos pelas ruas a pé ou nos carros denominados de paus-de-arara. Todos entoando seus “benditos” ou outros cantos espiritualistas.

Corta!

Contudo, há muito essa imagem, que parece saída de um romance de 1930 ou de um filme do Cinema Novo, vem se metamorfoseando e mais que isso, vem se

¹ Professor da Faculdade Leão Sampaio- CE. Mestre em Políticas Públicas e Sociedade. Membro do Cult.com – Grupo de Estudos e Pesquisas em Políticas de Comunicação e de Cultura. E-mail: xandyjacs@hotmail.com.

² Bacharel em Serviço Social. E-mail: manriaalves@hotmail.com.



hibridizando (Canclini, 2003) com as mais diversas expressões de temporalidades e espacialidades que coexistem e se sobrepõe conflituosamente. Para utilizar o termo de Stuart Hall (2003), há num processo de **sutura** onde Cariri cearense parece se configurar num exemplo fundamental de misturas entre o pré, o pós e o moderno.

O *boom* das Instituições de Ensino Superior privadas, acompanhada pela recentíssima interiorização da Universidade pública naquele estado da federação, a babel de sotaques oriundos das mais diversas regiões do país, o estranhamento dos costumes em relação à capital faz de Juazeiro uma metrópole em pleno nascimento de “estranhos estrangeiros” (BELINATO E SOUZA, 2007) que muitas vezes chegam e incorporam a *performance* moderna de “colocar o seu tijolo” na construção daquela polis.

Cadeias de *Fast food*, franquias de Victória Secret se espriam pelo Shopping da cidade. Na saída deste é possível dar de encontro a um banner gigantesco de Sara Jessica Parker e dois quarteirões depois cruzar com o típico senhor sertanejo usando chapéu, sandália de couro, a camisa com apenas o último botão abotoado e dizer: “Boa noite.” Juazeiro do Norte é a típica cidade formada pelos chamados “forasteiros” provenientes dos mais diversos locais do Brasil. Com suas “identidades” em trânsito (IDEM, 2007), fazem emergir o que a poeta Ana Cristina Cesar chamou de o “atраванco na contramão, suspiro no contra fluxo”. Ali repousa (se é possível assim dizer) a expressão do híbrido.

Forasteiros não apenas no deslocamento geográfico mas também nos costumes que predominam naquela região. Uma cultura que se baseia em grande medida na eclesiologia romana e seu sincretismo com o catolicismo popular. Ali o sagrado se mistura com profano. Durante o dia os romeiros pagam suas promessas e adorações como parte dos ritos religiosos. À noite muitos deles visitam os becos, bares em busca de animações. Nesses espaços se relacionam e partem para os mais diversos encontros eróticos. Dentre estes estão os encontros com as travestis, nossos sujeitos neste artigo. Contudo, é importante pontuar desde já, a existência de um mercado do sexo de travestis, que demonstra tanto a existência do exercício da sexualidade com estes “clientes-passantes”, como também a existência de um mercado “interno” desenvolvido pelos próprios moradores da região.

Nossa pesquisa empírica é feita através de uma análise que envolve o universo das travestis e como elas vivenciam esta conflituosa *performatividade* num município que gira em torno de uma personalidade religiosa, o eleito cearense do século XX, Padre

Cícero Romão Batista. Vale pontuar desde já que a imagem do fundador de Juazeiro do Norte está em toda parte. Seja a gigantesca escultura erguida na chapada, seja em tamanho natural na entrada do Cariri *Shopping* ou em qualquer outro estabelecimento comercial da região. Padre Cícero é uma espécie de garoto propaganda de tudo. Até mesmo numa loja de produtos eróticos localizada no citado *shopping* é possível ver uma estátua do religioso ao lado de um banner com a foto de uma mulher usando peças íntimas vermelhas em uma posição nada ortodoxa.

Neste contexto, partimos para os pontos de encontro íntimos, ruas, bares, becos, cinema, espaço comercial, visitas domiciliares. Munidos do diário de campo, fomos observando cuidadosamente o lócus onde as travestis se reuniam. Usamos ao longo das observações registros de falas, ações, gestos, olhares, perfil, tanto dos sujeitos como do entorno deles. Num primeiro momento foi difícil a aceitação da nossa presença naqueles espaços.

Dentre os entrevistados de outra investigação³ selecionamos o depoimento das 5 travestis que assim se autodenominavam. Excluindo-se portanto aqueles que se identificavam como homossexuais, michês, HSHs, *gays*, etc.

A princípio partimos da observação participante com o auxílio do diário de campo. Tal instrumento foi fundamental para o mapeando do universo habitado pelos nossos sujeitos, suas ações, o entendimento em relação às noções no que se refere em especial à religiosidade, ao fenômeno da transfobia e a vivência de tudo isto numa metrópole nascente.

Este texto se propõe pois enfrentar, ainda que esboçadamente, o desafio lançado por Gamson (2006) à realização de pesquisas qualitativas das sexualidades. A saber: investigações que tencionem a linha entre a solidez *gay* e a mutabilidade *queer*. Na compreensão das “identidades” eternamente aspadas ou como disse Butler (1993): um erro necessário que problematiza a inexistência de uma suposta essencialidade.

2. CONFLITO COR-DE-ROSA: A APROPRIAÇÃO *QUEER*⁴ DA RELIGIOSIDADE ROMANA E POPULAR

³ Este artigo é a ampliação de um aspecto de outra investigação envolvendo homofobia em geral em Juazeiro do Norte (ALVEZ, 2009). Aqui foram ampliados e realizados novos “tratos” dos dados referentes unicamente às informações fornecidas pelas travestis.

⁴ *Queer* era inicialmente um termo pejorativo do inglês para designar homossexuais. Sem equivalente preciso em português, a palavra quer dizer ao mesmo tempo algo em torno de bicha, diferente e esquisito. Resignificada e positivizada pelo movimento, a expressão *queer* virou sinônimo das políticas e teoria das diferenças dentro do universo LGBTQI. “Queer” pode funcionar como substantivo, adjetivo ou verbo, mas em qualquer caso se define contra o “normal” ou normatizador. A teoria queer não é um quadro de

As relações sexuais têm sido sistematicamente normatizadas por diversos dispositivos que atuam na sociedade civil. Dentre elas a Igreja historicamente foi uma das instituições responsáveis pelas repressões às massas e a punição humana da livre expressão do desejo sexual.

A interpretação do pecado declarada no século XII por Agostinho define que, primeiro tem-se a tentação que leva ao pecado, depois vem a desobediência e por fim o castigo como recompensa do desejo sexual fora da união cristão e felação⁵ com o mesmo sexo. Atos segundo ele desfavoráveis à “natureza”, longe na familiaridade divina, a concupiscência, o que irá gerar sofrimento para o homem no trabalho, e a dor do parto para mulher até a morte (CATONNÉ, 2002).

Os manifestos contra o homoerotismo por parte da Igreja emergiram ao longo da história como uma forma de advertência. Santo Agostinho em seus sermões dirigia-se a grupos de freiras revelando que o amor entre as mesmas não deveria ser carnal. Neste contexto a Igreja reafirmou uma severa punição para os que praticavam relações sexuais com pessoas do mesmo sexo, inclusive aos padres que fizessem tal ato “pecaminoso” com castrações e depois execuções.

O pensamento da Igreja estava enraizado em costumes nos quais a “homossexualidade” seria uma doença ou como “*crimen pessimum*”, onde reforçaram a idéia de que nada deve se mover sem o olho disciplinar daquela instituição.

Vale ressaltar neste momento que a discussão de sexualidade contemporânea na eclesiologia romana não reconhece nem mesmo a questão da “identidade de gênero” como um construto cultural. Muito menos as noções pós-feministas onde não só o gênero seria uma *performatividade* mas também o próprio sexo (BUTLER, 2002; 2006; 2008).

Nesta autora (IDEM, 2006) a *performatividade* se configura como processos de repetição exaustiva de significados já estabelecidos socialmente sobre o corpo. Aqui a internalização de padrões de comportamento também promove a ritualização e legitimação de determinadas prática que dão materialidade a determinados corpos em detrimento de outros que vivem graças ao seu contrário. É importante ressaltar que a *performatividade* em momento algum deve ser confundido com a noção de

referência singular, conceitual ou sistemático, mas sim uma coleção de compromissos intelectuais com as relações entre sexo, gênero e desejo sexual. É uma escola de pensamento com uma visão bastante heterodoxa de disciplina (SPARGO, 2006, p. 8).

⁵ Essa prática é julgada ainda mais vergonhosa que a homofilia passiva. Ela é objeto de maledicência e injúrias. É ainda no campo da fobia a qualquer passividade que devemos buscar respostas. (Catonné, 2001, p. 40).

performance. Esta transmitiria uma idéia de suposta escolha de um eu completamente autônomo em relação à sua “identidade” de gênero (SPARGO, 2006).

Tal postura da Igreja, ao não reconhecer a noção de gênero, alimenta-se da mitologia judaico-cristã onde a sexualidade é organizada discursivamente dentro do binarismo natural/antinatural. Em verdade Roma se apropria do discurso médico-científico do final do século XIX, o qual classifica, enquadra e produz saber acerca de um novo espécime: o homossexual (FOCAULT, 1995). Prática esta que se dissemina por grande parte dos países ocidentais e que tem por consequência o enquadramento de uma diversidade conflituosa de *performatividades* sexuais, inclusive a travesti, debaixo do mesmo guarda-chuva: o homossexual. Como argumenta Costa:

A diversidade de atos, sentimentos e auto-definições [...] quando examinada de perto mostra que a homogeneidade teorizada nada tem a ver com heterogeneidade vivida. [...] o caráter histórico-estratégico dessa definição salta aos olhos, quando pensamos que seu interesse ou relevância deixariam de existir num mundo em que o sexo não tivesse sido entronizado como “sexo-rei” (2002, p.44).

Utilizando o termo de Michel Foucault (Sexo-rei), o autor problematiza a construção histórica destes corpos abjetos que estão longe de serem homogêneos. Neste sentido é reafirmada a interdição social da existência destes corpos pois como afirma a doutrina romana: “Fora da Igreja não há Salvação”.

As *performatividades* travestis aqui estudadas possuem um duplo processo de abjeção se levarmos em conta que estas também são “enquadradas” dentro de outro guarda-chuva construído ideologicamente pela política cultural brasileira da primeira metade do século XX. É o que Albuquerque Jr. chama de invenção imagético-discursiva do Nordeste pois

O nordeste e o nordestino miserável, seja na mídia ou fora dela, não são produto de um desvio de olhar ou fala, de um desvio no funcionamento do sistema de poder, mas inerente ao sistema de forças dele constitutivo. O próprio Nordeste e os nordestinos são intenções destas determinadas relações de poder e do saber a elas correspondente. [...] tentar superar este discurso, estes estereótipos imagéticos e discursivos acerca do Nordeste, passa pela procura das relações de poder e de saber que produziram estas imagens e estes enunciados clichês, que inventaram o Nordeste e o nordestino (2006, p. 21).

Semelhante ao fenômeno da travestilidade, o corpo nordestino recebe em sua formação uma carga de significados fortemente consolidados sobre o que seria a sua suposta essência imutável. Aqui, contraditoriamente, é impressa uma pretensa “unidade identitária” que também supostamente seria comum a todos os sujeitos nascidos naquela região do país. “Identidade” esta que enquadra e ao mesmo tempo indiferencia tais

corpos. É interessante perceber que esta temática não passa incólume pela abordagem de Judith Butler quando pondera:

“O abjeto para mim não se restringe de modo algum a sexo e heteronormatividade. Relaciona-se a todo tipo de corpos cujas vidas não são consideradas 'vidas' e cuja materialidade é entendida como 'não importante'. Para dar uma idéia: a imprensa dos Estados Unidos regularmente apresenta as vidas dos não-ocidentais nesses termos. O empobrecimento é outro candidato frequente, como o é o território daqueles identificados como 'casos' psiquiátricos. [...] Assim, recebemos uma produção diferenciada, ou uma materialização diferenciada, do humano. E também recebemos, acho eu, uma *produção* do abjeto. Então, não é que o impensável, que aquilo que não pode ser vivido ou compreendido não tenha uma vida discursiva; ele certamente a tem. Mas ele vive dentro do discurso como a figura absolutamente não questionada, a figura indistinta e sem conteúdo de algo que ainda não se tornou real”(2008, s/p)

Aqueles corpos não-válidos - seja pela origem geográfica, seja pela *performatividade* de gênero - se apropriam de forma muito específica da religiosidade popular que gira em torno de Pe. Cícero, como reafirma a informante:

“Em relação à Igreja, não tenho problemas, vou em busca de paz, sei que Deus está em todo lugar, até mesmo debaixo de uma árvore, nas minhas viagens levo sempre comigo uma imagem da virgem Nossa Senhora de Fátima e meu Padre Cícero, lembra do Filme “*Também sou Povo*”? tenho um DVD, e assisto sempre, sou católica, mesmo com os olhares direcionados para mim na Igreja, não deixo de ir a missa, até um dia quando morrer (Eva, 29 anos).

Aqui os olhares de estranhamento reafirmam, como diz Butler (1999), o normativo a partir de seu contrário. É o não-válido que valida os corpos que importam, que pesam.

Na fala acima a informante cita também o vídeo “*Também sou teu povo*”⁶. Tal documentário produzido em Juazeiro do Norte pela Secretaria Estadual de Cultura – SECULT se apresenta de forma muito peculiar para nossa abordagem pois tematiza como as travestis vivenciam suas religiosidades. De certa forma aquela narrativa parece agir como elemento de desestabilidade provisória e de visibilidade em relação às identificações *queer*.

O Catecismo da Igreja Católica lançado pelo papa João Paulo II em 1992, fundamentado nas “Escrituras Sagradas”, apresenta, como já citado neste estudo, uma intransigente desaprovação do que classifica como atos “homossexuais”. Tal posição oficial causa uma tensão entre os corpos com sexualidades destoantes e a compreensão ocidental de “Deus” em seus relatos doutrinários. Em respostas a estas posições, vários

⁶PEREIRA, Orlando; LACREDA, Franklin. **Também sou teu povo**. Fortaleza: SECULT, 2006. 17 min. Color. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=rNsAoY1NGFQ> e <http://www.youtube.com/watch?v=8QfK5N52QTI>.

militantes *gays* têm acusado a Igreja de apresentar um pressuposto ambíguo e desumano, causando enorme sofrimento psíquico a milhões de cidadãos LGBTQI (lésbicas, *gays*, bissexuais, transexuais, travestis, transgêneros, queer e intersex) além de estimular o ódio social contra estes.

Devemos ressaltar neste momento que este artigo não pretende cair na armadilha normatizadora que persegue o que chamamos em outro momento de “ânsia de normalidade” (SOUSA, A; BARBALHO, A, 2008) ou de aceitação. Antes, pretendemos compreender as formas como as travestis se apropriam e reinventam tal religiosidade e a transfobia. Um exemplo destas negociações de significados parece estar no discurso reproduzido a seguir:

Eu não acredito nessa conversa de que só se salva quem está dentro da Igreja, nem pensar, sei que eu tenho muitos pecados, mas de vez em quando faço uma caridade, e me arrependo de todos os meus pecados, olha, sabe às vezes observo o povo da igreja evangélica, gritam o nome de Deus como se ele fosse surdo, quando sai da igreja fica só comentando o nosso jeito de ser, então quem vai se salvar, eu ou eles, não sei nem dizer. (Silva, 36 anos).

Fica evidente como a Igreja registra em seu magistério eclesiástico uma visão enraizada num referencial unilateral heteronormativo, forjado por séculos de tradição patriarcal, onde só o comportamento heterossexual se ajusta à “natureza” da criação.

Um exemplo da hipertrofia deste patriarcado em Juazeiro do Norte foi quando o GALOSC – Grupo de Apoio à Livre Orientação Sexual no Cariri promoveu uma exposição de fotografias na qual se apresentavam diversas reproduções da imagem de Pe. Cícero com as unhas pintadas de vermelho. Não é nosso objetivo esgotar aqui a análise iconográfica da citada exposição. Contudo a repercussão de tal política *queer* parece ter atingido seu objetivo ao promover um debate que borra as fronteiras de gênero e problematiza as supostas estabilidades das identidades sexuais. Dessa forma, tal ato parece ajudar a compreender também que por trás do fenômeno transfóbico há na verdade uma misoginia inenarrável. Dito de outra forma: numa região marcada pela hedionda violência de gênero (o Ceará é o estado da federação onde mais se matam mulheres), o que parece estar em pauta é essa profunda aversão a tudo o que vem a ser feminino. Neste contexto as *performatividades queer* não passam despercebidas,. Em especial aquelas que chamamos aqui de “Bichas fechativas” e travestis.

Segundo Mott (2000) “bicha fechativa” é um termo usado para referir a uma “categoria” de “bicha louca”, o que se vê naturalmente nos movimentos LGBT, com roupas sensuais e atos obscenos, extrapolam o gueto gay, o que provem de uma pessoa altamente espalhafatosa ou exuberante. O antropólogo baiano afirma também que:

Tais pessoas são as que mais e sempre estão desmunhecando, as ostentam trajetos mais exagerados e estereotipados, e que no mais das vezes, apresentam características mais acentuadas de androginia tanto na sua voz de falsete, no seu corpo, como no vestuário (IDEM, p.41).

As travestis seriam uma “categoria” que se aproxima na aparência do gênero oposto, uma vez que os sujeitos se travistam de mulher, aplicam seios de silicone e feminiliza o corpo a base de hormônios, adota roupas femininas. Sobre o tema Mott continua:

Há ainda talvez uma dezena de gays que mesmo ostentando seios mínimos, à custa de altas doses de hormônios, assim como sobrancelhas depiladas e cabelos unissex, durante o dia se vestem com roupas mais ou menos masculinas, fazendo questão de serem chamados por seus nomes de registro e tratados como homens, adotando roupas femininas apenas certas noites nos palcos ou quando vão a boates gays (IBIDEM, p.49).

É o caso de uma informante que, na ausência de clubes noturnos, exerce a atividade de profissional do sexo nas ruas da cidade aqui estudada:

“Assumo-me como travesti, à noite sou garota de programa, e pelo dia sou doméstica. Me visto com roupas masculinas durante o dia, minha patroa sabe o que sou à noite, e me apóia, tenho vários clientes, muitos já são fixos, sou travesti e me assumo, não me preocupo com as bobagens do povo sem total educação” (Vieira, 23 anos).

Não é raro encontrarmos as personalidades aqui descritas pelas ruas de Juazeiro do Norte. Elas via de regra transitam entre o cômico (o humor tipicamente *queer*) e a tragédia. No pólo da tragédia podemos citar o cidadão LGBT morto à pedrada em uma praça da cidade do Crato, fronteira com Juazeiro do norte, durante o carnaval de 2009 pelo simples fato de conter em seu corpo os traços odiados pelos criminosos misóginos.

2. CONFLITO COR-DE-ROSA II: TRANSFOBIA E PERFORMATIVIDADE TRAVESTI

O discurso médico-científico ao longo da história instituiu que a “homossexualidade” seria uma doença ora advinda do desencadeamento genético ora originária de um desvio ao longo da construção do indivíduo na sua subjetividade psíquica. Neste contexto, a partir da segunda metade do século XIX, predominava dentro de tal discurso que a pederastia teria cura, que seria uma doença de intensa excitação do instinto sexual. Atualmente, num contexto de baixo acesso às informações, nossa informante mostra que esta concepção está longe de ser extinta da compreensão social do fenômeno *queer*, em especial a travestilidade:

Certa vez, uma pessoa muito próxima, me disse que havia lido em livro que não gostar de mulher, ou não querer da fruta, era uma doença e um pecado mortal, fiquei louca, sou analfabeta, quase que acreditava, procurei um médico e contei

a história ele riu da minha cara, fui embora e não contei pra ninguém, depois pensei, o que importa é o que eu quero ser, não doença, nem pecado.(Moura, 38 anos).

Assim como o caso de Brenda/David⁷ analisado por Butler (2006), aqui a informante também não se resigna ao discurso médico científico que a classifica por aquilo que “possui entre as pernas” mas como um “eu” que consegue se enxergar para além das imposições normativas dos discursos que instituem sua sexualidade como doentia ou como pecadora ou ainda, como incompleta. No discurso de Moura as palavras de Butler sobre David/Brenda continuam se encaixando perfeitamente:

El no esta totalmente de acordo com la norma pero [...] a pesar de ello, todavía es alguien, una persona que incluso se refiere a sí misma. Y es desde esta distancia, desde esta inconmensurabilidad entre la norma que se supone que inaugura su humanidad y la insistencia verbal sobre sí mismo, que él permorma, que él se valor, que él habla de su valoración (IDEM, p. 110).

É preciso afirmar que as pessoas são diferentes entre si e que as noções de “identidade” ou identificação estão constantemente em trânsito, logo supõe-se que não há justificativa para discriminação por sua orientação sexual seja através de violências moral, física e psicológicas. Essa violência é dirigida à alteridade, ao outro. Sobre ela, Jelin declara:

A xenofobia e o racismo, as guerras étnicas, o preconceito e os estigmas, a agregação e a discriminação baseadas na raça, na etnia, no gênero, na idade ou na classe social são todos fenômenos amplamente disseminados no mundo, e que implicam alto grau de violência (1996, p. 15).

No momento em que se desvaloriza uma pessoa por sua *performatividade* de gênero, caminha-se ao outro um comportamento discriminatório. Principalmente contra aqueles que são vistos como afeminados, delicados, sensíveis, ou ainda vistos como responsáveis pela disseminação da AIDS, “sem-vergonhas” ou doentes. Tais compreensões reafirmam um tipo sociedade disciplinar onde se instituem dispositivos de invenção da verdade que organizam um tipo de educação heteronormativa produzida na família, na escola, na clínica, etc. ao longo de nossa construção. Mais uma vez compreendemos, a partir de Butler (1999), que esse binômio corpo abjeto vs. corpo válido é fundamental para produzir, a partir da negação do seu o posto, os corpos que

⁷ O caso Brenda/David possui diversas faces que constituem uma rica referência para os estudos das identificações sexuais. Resumida e incompletamente podemos dizer que tal acontecimento diz respeito ao fato de David ainda criança ter seu pênis cauterizado em uma cirurgia de fimose. Após o acontecimento os médicos extirparam seus órgãos sexuais e os pais passaram a criá-lo, com acompanhamento dos peritos, como menina: Brenda. Contudo Brenda não se adapta a esta nova condição desmentindo as teses simplistas de que a identificação sexual seria uma construção/opção social. Ao final do artigo Butler analisa uma fala em que David confronta a suposição dos médicos na qual David nunca seria feliz por não ser um homem completo. David arremata o artigo dizendo que se reduzisse sua existência ao que possui entre as pernas realmente seria um perdedor.

pesam, ou seja aqueles que importam, aos quais foi dado o estatuto ontológico de existência. Bessa neste mesmo sentido afirma:

Ela [a educação] é, antes repressora, excludente, perversa. Mostra-se como sinônimo de regras a serem seguidas, imbuídas de um ideal de invisibilidade a que todos devem estar atentos. E aqueles que não são atentos a esse ideal, ou que não seguem as regras preestabelecidas que o direcionem, devem viver a vergonha ou a culpa e, através desta, a exclusão (1997, p. 92).

A consciência desta abjeção não passa despercebida por uma de nossas informantes que expõe inclusive a possibilidade de relativa (ou ilusória) “inclusão” daqueles que possuem a capacidade de consumo e de uma *performatividade* mais próximo do que seria o masculino.

eu posso dizer que, pode-se assumir a “homossexualidade” quando já se faz parte de uma classe média, tudo bem, mas da classe pobre é muito difícil, tem que ter coragem de sair do armário, ou seja assumir-se como “homossexual” sem problema algum, encarar a tudo e a todos. (Gomes, 28 anos)

Como afirma a personagem célebre do escritor Caio Fernando Abreu em seu conto “dama da noite”:

Como se eu estivesse por fora do movimento da vida. A vida rolando por aí feito roda-gigante, com todo mundo dentro, e eu aqui parada, pateta, sentada no bar. Sem fazer nada, como se tivesse desaprendido a linguagem dos outros. A linguagem que eles usam para se comunicar quando rodam assim e assim por diante nessa roda-gigante. Você tem um passe para a roda-gigante, uma senha, um código, sei lá. Você fala qualquer coisa tipo bá, por exemplo, então o cara deixa você entrar, sentar e rodar junto com os outros. Mas eu fico sempre do lado de fora. Aqui parada, sem saber a palavra certa, sem conseguir adivinhar. [...] eu tenho uns amigos, sim. Fodidos que nem eu [...] Alguns rodam na roda, mas rodam fodidamente. Não rodam que nem você (1988, p. 53).

Obviamente ao se referir aos amigos que rodam precariamente na roda a personagem, assim como a informante mais acima relatou, está se referindo ao modelo *gay-de-classe-média-consumidor*. Não citamos este conto por acaso. Em verdade este tem sido fundamental para a visibilidade das políticas *queer*, e, especial das travestilidades no estado do Ceará através do espetáculo teatral “Cabaré da dama” montado pelo Grupo Parque de Teatro.

O espetáculo é dividido em dois momentos. No primeiro há a apresentação de travestis dublando canções afeitas ao universo *queer* e no segundo momento há a apresentação do monólogo do texto de Caio Fernando Abreu traduzido e ampliado para a realidade das travestis cearenses⁸. Um destaque deve ser feito: se no citado conto a personagem é uma mulher, na peça teatral, assim como no curta-metragem homônimo, a personagem é uma travesti.

⁸ Para uma análise mais aprofundada das configurações e repercussões deste espetáculo na sociedade cearense vide Sousa (2010).

Estivemos presentes nas duas apresentações do “Cabaré” em Juazeiro do Norte. Na ocasião o GALOSC distribuiu cordéis cor-de-rosa sobre o fenômeno homofóbico, pudemos ver a participação de algumas travestis juazeirenses mas, o destaque daquela primeira noite de apresentações ficou com a “Bicha muda”.

Encarnação do Camp⁹, do deboche e da “fechação”, “Bicha muda” é uma travesti que, como tal, realizou modificações no corpo para torná-lo feminino. Comunicando-se através de mímicas ela emite um som que se aproxima ironicamente das frases do anglo-saxão: “*I burn*” e “*I’m burnning*”¹⁰ a tradução destes termos para o português diz respeito a uma das formas como se refere, no universo *gay*, ao sexo anal. Ela é a encarnação cearense da personagem de Caio Fernando Abreu contudo, se na “Dama da noite” há a ausência da linguagem como metáfora, na “Bicha muda” a ausência (a destituição ou ainda a abjeção) é um fator exponencial.

Pode-se questionar se esta não seria uma forma de ridicularização das “causas” *gays*. É neste sentido que entendemos o surgimento das “políticas *queer*” como um processo de insatisfação de certos ativistas/ teóricos com os rumos do movimento *gay* cada vez mais reprodutor de um padrão heteronormativo que, segundo Colling (2008) tentava “demonstrar que os homossexuais são iguais aos heterossexuais, ou seja, de que todos são ‘normais’”. Diferentemente desta concepção, a teoria *queer*

adota a etiqueta da perversidade e faz uso da mesma para destacar a ‘norma’ daquilo que é ‘normal’, seja heterossexual ou homossexual. *Queer* não é tanto se rebelar contra a condição de marginal, mas desfrutá-la” (GAMSON apud COLLING, 2008, p. 151).

Neste contexto Barbalho (2006) fala da emergência, a partir dos movimentos sociais contemporâneos, de uma “nova política cultural da diferença” que se orienta não por valores abstratos e que se pretendem universais (liberdade, igualdade, etc), mas por valores específicos e contingentes, provisórios e processuais que desestabilizam as noções essencialistas de identidades.

Obviamente este fenômeno não se dá sem violência, uma vez que sustentamos nossa argumentação de que a transfobia esta intimamente vinculada ao fenômeno da misoginia. Aqui o corpo não-válido é transformado em um objeto de desejo que, não raras vezes, tem sua integridade violada. Em especial se levarmos em conta as travestis que exercem a atividade de profissional do sexo. Como nos relata a entrevistada:

⁹ A essência do Camp é a sua predileção pelo inatural: pelo artifício e pelo exagero” (SONTAG, 1987, p. 318).

¹⁰ Vídeo com entrevista concedida pela “Bicha muda”: <http://www.youtube.com/watch?v=PeUQ-MuNWzQ>

“Sou travesti, faço programas à noite e durante o dia fico em casa. Certa vez um cliente me contratou para sair, me levou para casa, a qual fica bem distante da cidade. Quando chegamos lá ele tirou minha roupa, disse que ia pegar uma bebida, me assustei! Ele apareceu com um revólver e começou a me ameaçar, ia transar comigo sem preservativo. [...] Durante o coito manteve o revólver na minha boca. Como não tinha saída me submeti. Depois do coito me espancou, me colocou no carro, e me deixou na estrada, longe do ponto. Passei um mês sem sair de casa. Ainda tenho medo de encontrá-lo” (Luana, 23 anos).

A homofobia de um modo geral é definida pela UNAIDS (2006) como desprezo contra aqueles e aquelas que têm sua “identidade” diferente da heteronormativa, onde se vivencia a aversão, ódio, medo, preconceito, ou discriminação contra homossexuais, bissexuais, transgênero, travestis, lésbicas, e transexuais. O que confere à heterossexualidade o monopólio da normalidade, gerando o menosprezo contra aqueles que divergem do modelo referencial. Sobre o tema a informante pondera

Falar de homofobia, é uma palavra de difícil compreensão, porque não perguntar: você aceita uma bicha como amigo ou um veado? A resposta será nem pensar sou espada, as pessoas não conhecem a palavra nem seu significado, mas [...] sabem discriminar todos aqueles que estejam fora dos padrões de normalidade. (Antonio, 43 anos)

As lutas contra homofobia organizada pelo Movimento LGTB, com base na promoção da cidadania de homossexuais, fundamenta-se em um discurso político, baseado nos Direitos Humanos. Um marco histórico foi a elaboração de um programa, onde reconhece a lutas de milhares de brasileiros, “Brasil Sem homofobia”, elaborado no PPA 2004-2007 (Plano Plurianual) do Programa de Direitos Humanos, com o objetivo de promover a cidadania de gays, lésbicas, travestis, transgênero e bissexuais, equiparando os direitos a todos os brasileiros sem discriminação e o não a violência.

Já no que tange especificamente à transfobia, tais sujeitos percebem desde cedo a força da heterossexualidade compulsória sobre seus corpos. Janaína Dutra, fundadora da Associação das travestis do Ceará - ATRAC costumava dizer que ser travesti é ser como uma ilha contudo, ao contrário da água, a travesti está cercada de violência por todos os lados. Os relatos das informantes ratificam tal afirmação ao descreverem questões como a incompreensão dos educadores na escola quanto à travesti adolescente, as aulas de educação física, a vontade de ser chamada por um nome feminino, a expulsão de casa e tudo aquilo que Fleming descreve como o processo conseqüente da feminilização do corpo:

via hormônio, silicone e próteses [...] pedagogia da voz e dos gestos para “dar corpo” (portanto, fazer nascer) a imagem que se pretende ter de si, mas que precisa ser negociada com a injúria e a violência no mundo social (2007, p. 55)

Neste contexto a *performatividade* de gênero travesti convive com a tensão entre abjeção eclesiástica e reinvenção religiosa. Aqui o sonho da modificação de um corpo também pode ser também a passagem para a sua “invalidação” social. Neste campo seus corpos resistem, se reinventam e desestabilizam o gênero à medida que vêm emergir sobre si e em si não só um corpo novo mas também uma metrópole no coração do “Nordeste”. Cada uma delas pode ser uma personagem de Caio Fernando Abreu no anonimato da cidade grande. Uma dama da noite, um dragão cujo acesso ao paraíso foi interdito:

“Os dragões não conhecem o paraíso, onde tudo acontece perfeito e nada dói nem cintila ou ofega, numa eterna monotonia de pacífica falsidade. Seu paraíso é o conflito, nunca a harmonia.” (1988, p. 83).

BIBLIOGRAFIA:

- ABREU, C. **Os dragões não conhecem o paraíso**. São Paulo: Cia das letras, 1988.
- ALBUQUERQUE JR. D. **A invenção do nordeste**. 3ª ed. Recife: FNJ, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2006.
- ALVES, M. **A homofobia social e epidemia de HIV/AIDS no município de Juazeiro do Norte**. Juazeiro do Norte: FALS, 2009. (monografia de graduação)
- ASSIS, R. **Catecismo da igreja católica**. São Paulo: Loyola, 2000.
- BARBALHO, A. No ar da diferença: mídia , cultura e juventude. In UFG. **Comunicação e informação**. V. 9, n. 1, Goiânia: FACOMB, 2006.
- BELINATO, W; SOUZA, A. A identidade em trânsito pela noite. In: CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS. 3, 2007, Maringá. **Anais...** Maringá, 2009, p. 1057-1066.
- COLLING, L. **Teoria Queer**. In www.cult.ufba.br/maisdefinicoes/teoriaqueer (acessado em 03/06/2008).
- BESSA, M. **Histórias positivas**. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- BUTLER, J. Hacerle justicia a alguien: la reasignación de sexo y las alegorias de la transexualidad In. _____. **Deshacer el género**. Barcelona: Paidós, 2006.
- _____. Criticamente subversiva. In. JIMÉNEZ, R.; MÉRIDA, M. **Sexualidades transgressoras: uma antologia de estudios queer**. Barcelona: Içaria, 2002.
- _____. **Como os corpos se tornam matéria**: entrevista com Judith Butler. Concedida a Baukje Prins e Irene Costera Meijer. Trad. Susana Bornéo Funck In. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2002000100009&lng=en&nrm=iso (acessado em 16 de outubro de 2008).

- BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo"*. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 153-172.
- CANCLINI, N. **Culturas híbridas**. São Paulo: UNESP, 2003.
- CANTONNÉ, J. **A sexualidade ontem e hoje**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Cortez, 2001.
- COSTA, J. **A inocência e o vício**. 4ª Ed. São Paulo: Relume Durará, 2001.
- FLEMING, A. **O vôo da beleza: experiência transgênero e processo migratório** In. OPSIS, vol. 7, nº 8, jan-jun 2007
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 11. ed. Rio de Janeiro:Graal, 1995.
- GANSON, J. As sexualidades, a *teoria queer* e a pesquisa qualitativa In. DENZIN, N. (org) **O planejamento da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Universitária, 2003
- JELIN, E. Cidadania e alteridade: o reconhecimento da pluralidade. **Revista do patrimônio histórico e artístico nacional**. s/l: nº24, 1996.
- MOTT, L. **A cena gay em Salvador em tempos de AIDS**. Salvador: GGB, 2000.
- SOUSA, A. **Sobre cabarés e damas : a performatividade travesti reinventando os dragões de Caio F. nos palcos do teatro cearense**. Fortaleza: s/e, 2010. (mimeo).
- SOUSA A.; BARBALHO, A. **Jornalismo estudantil descolecionando as culturas jovens**. In. IV Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura – ENECULT 2008, Salvador. Anais... Salvador, ENECULT, 2008. CD-ROM.
- SPARGO, T. **Foucault e a teoria queer**. Rio de Janeiro: UFJF, 2006.
- UNAIDS. **United Nations Programme on HIV/ AIDS**. Disponível em: www.unaids.org (acessado em 26 de dezembro de 2009).